



Revista Comunicação Midiática
ISSN: 2236-8000
v. 12, n. 3, p. 71-82, set./dez. 2017

Protocolos de leitura do livro aplicativo e a questão do leitor modelo
Protocolos de lectura de libros aplicación y la cuestión de lector modelo
Application Book Reader Protocols and the Model Reader Issue

Tatiana Aneas

Professora efetiva do Departamento de Comunicação Social da Universidade Federal de Sergipe. Doutora em Comunicação e Cultura Contemporâneas pelo Programa de Pós-graduação em Comunicação e Cultura Contemporâneas da Universidade Federal da Bahia (2016). Mestre em Comunicação e Cultura Contemporâneas pela mesma instituição (2011). Especialista em Design de Comunicação Social pela Universidade Salvador (2009). Graduada em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo pela Universidade Federal da Bahia (2007). tatiana.aneas@gmail.com

Carina Flexor

Professora efetiva do Departamento de Comunicação (DCOS) da Universidade Federal de Sergipe - UFS (dedicação exclusiva), Doutoranda em Cultura Visual pela Universidade Federal de Goiás - UFG, Mestre em Cultura Visual pela Faculdade de Artes Visuais da Universidade Federal de Goiás - UFG (2012), Pós-Graduação em Design/Computação Gráfica pela Universidade Salvador - UNIFACS (1999) e Graduação em Comunicação Social com habilitação em Publicidade e Propaganda pela Universidade Católica do Salvador - UCSAL (1996). flexor@gmail.com

RESUMO

A partir da mudança histórica da materialidade do livro e, sobretudo, da quebra do polo de emissão, o artigo busca, a partir das reflexões acerca do futuro da escrita de Flusser e as noções de protocolos de leitura de Chartier, problematizar o modelo de leitor previsto pelos livros aplicativos. As discussões partem de uma contextualização histórica e cultural, alcançando as atuais manifestações livrescas que se orientam a partir dos pressupostos da cultura digital. Reconhecendo o livro aplicativo como exemplo de prescrição e, ainda, sinalizando os atuais protocolos de leitura dos referidos objetos livrescos, a investigação aponta para um distanciamento do modelo de leitor previsto pelo livro impresso.

Palavras-chave: livros aplicativos; protocolos de leitura; prescrição; leitor modelo.

RESUMEN

A partir de la descomposición de la materialidad histórica del libro, y sobre todo el tema de la ruptura de polo, este artículo busca - a partir de los debates sobre el futuro de la escritura Flusser y las nociones de protocolos de lectura Chartier - reflexionar sobre el modelo lector proporcionada por el libro digital. El texto parte de un contexto histórico y cultural, basado en la relación escritura-libro, alcanzando las conformaciones librescas actuales que se orientan a partir de los supuestos culturales dígitos. A partir de la caracterización del libro software, como ejemplo, la prescripción y, además, el reconocimiento de los protocolos actuales de lectura, el artículo señala una pérdida de referencial el modelo jugador del folleto libro.

Palabras clave: libros softwares; la lectura de los protocolos; receta; modelo de lector.

ABSTRACT

From the historical change of the materiality of the book and, above all, the breaking of the pole of emission, the article seeks, from the reflections on the future of the writing, by Flusser, and the notions of protocols of reading, by Chartier, to problematize the model of reader provided by the application books. The discussions are based on a historical and cultural context, reaching the current bookish events that are oriented from the assumptions of digital culture. Recognizing the application book as an example of prescription and, also, signaling its current reading protocol, the investigation points to a distance from the reader model predicted by the printed book.

Keywords: application books; reading protocols; prescription; reader model.

Notas sobre o contexto

As tecnologias da cultura do dígito têm provocado transformações, inclusive, nas acepções de tempo e espaço, nas articulações comunicacionais, nos processos sociais, na consciência histórica e, ainda, nas relações dos sujeitos contemporâneos com o objeto livresco e, conseqüentemente, no que diz respeito à experiência de leitura. O que é produzido pelos códigos digitais pode estar, conforme afirmou Flusser (2010), se apresentando em todos os lugares, podendo ser atualizado a todo instante. Os conceitos de passado, presente e futuro e, sobretudo, espaço se renovam, ganhando novos significados. O contexto atual parece arrancar o leitor – de uma noção temporal linear que se reforçava no desenrolar do texto, por entre o passar das páginas de um livro – não mais do passado para o futuro – consciência histórica –, mas do futuro ao encontro do presente. Tal questão, sinaliza, notadamente, uma ruptura na ordem do pensar ocidental, exigindo, portanto, novos olhares investigativos que se assentem sobre as atuais formas de materialização daquilo que se presta a ler.

Nesse contexto, então, o presente artigo tem como objetivo refletir – a partir das discussões sobre o futuro da escrita de Flusser (2010) e as noções de protocolos de leitura de Chartier (2011) – acerca do leitor modelo (ECO, 1988) previsto pelos livros digitais, em especial, os denominados livros aplicativos. Interessa, de outra forma, reconhecer as transformações promovidas no objeto livresco – problematizando os vestígios inscritos em sua própria objetualidade – e que se apresentam aos sujeitos leitores como índices dados na matéria e posto à leitura, independente de uma experiência singular. Identifica, ainda, os atuais protocolos de leitura como uma condição do objeto livro aplicativo, reconhecendo-os como um sistema ou ambiência capaz de modelizar, de um modo geral, novos modos de valorar a cultura livresca, deixando à margem das discussões, as particularidades referentes à ideia de leitor empírico e as adjacentes peculiaridades de ordem cultural, perfil de público, segmento editorial ou mesmo interesses comerciais, dentre outros.

Como já citado, entretanto, os livros digitais envolvidos nas discussões aqui apresentadas dizem da categoria livro-aplicativo (appbook), deixando à margem as discussões acerca dos livros arquivos. Essa escolha decorre, sobretudo, porque comparados aos livros-arquivos, os livros-aplicativos não se restringem, a priori, a formatos nem marcadores indiciais à cultura impressa (Flexor, 2012, p. 75). Do contrário, não interessa a essa investigação, os livros-arquivos que quer no nível formal, estrutural ou do conteúdo, mantêm, em grande medida, para com o impresso vinculações nos aspectos que singularizam a experiência de leitura já consolidada pela cultura livresca. Embora abdicuem, temporariamente, do suporte tradicional para se disponibilizarem na rede, ainda são notáveis, nos livros-arquivos – ePubs e PDFs – as marcas identitárias dos meios de produção da cultura impressa. Tais marcadores podem ser observados nas proporções entre as margens, dimensão da página, simulação de textura de papel, dentre outras especificidades do livro impresso, quando da visualização nos dispositivos digitais de leitura. Ademais, reconhecem-se, para além dos aspectos materiais do impresso que se presentificam nos modos de acomodação do conteúdo livresco, instâncias indexicais ao livro tradicional presentes na construção, preponderantemente, linear das narrativas e suas estruturas hierárquicas derivadas de normalizações legitimadoras da cultura do livro impresso. Por outro lado, comparados aos livros-arquivos, os appbooks, enquadrados no

universo dos softwares, carregam o mesmo potencial de desenvolvimento dos jogos eletrônicos ou demais aplicações voltadas ao uso/produção de conteúdo multimídia. Dialogam, em tese, com as linguagens e possibilidades trazidas pelos novos meios – carregando em si vestígios próprios da sua objetualidade –, figurando, então, enquanto terreno fértil para se problematizar os impactos sobre a experiências da leitura.

Fortalecendo, ao longo do tempo, os lastros culturais que a elevaram à condição de referência, o livro impresso fez internalizar práticas e protocolos de leitura (Chartier, 2011) que viriam a determinar a relação livro-leitor, bem como a conformação do modelo de leitor, ao longo das formações culturais hodiernas. De outra forma, o objeto livresco inscreve em si a modelização de leitor que o particulariza.

Entretanto, o livro mediado por dispositivos digitais, ao relativizar o papel do suporte, rompe os antigos baremas de identificação da informação a partir da forma, passando a exigir do leitor, principalmente diante de narrativas colaborativas e transmídia, que se desdobram em múltiplos caminhos e plataformas, uma postura bem distinta daquela citada por Santaella (2004) como contemplativa. No cenário atual, o livro se emancipa dos baremas que o constituíram ao longo da história – forma, estrutura¹, organização e materialidade –, e a escrita transmuta-se em hipertexto, passando a se presentificar na atualização de interfaces gráficas, reconfigurando-se a cada intervenção do leitor/usuário do sistema.

Diante desse cenário, então, identifica-se que a ruptura da materialidade histórica do livro e, sobretudo, a quebra do polo de emissão – atravessamentos da cultura pós-massiva que impactam na conformação do livro digital aplicativo –, ensejam novos protocolos de leitura e, conseqüentemente, acabam prevendo ou ajudando a construir um modelo de leitor bem distinto daquele vinculado ao livro impresso.

Acerca dos protocolos de leitura, Chartier (2011, p. 78) afirma:

Pensar os atos de leitura que dão aos textos significações plurais e móveis situam-se no encontro de maneiras de ler, coletivas ou individuais, herdadas ou inovadoras, íntimas ou públicas e de protocolos de leitura depositados no objeto lido, não somente pelo autor que indica a justa compreensão de seu texto, mas também pelo impressor que compõe as formas tipográficas, seja com um objetivo explícito, seja inconscientemente, em conformidade com os hábitos de seu tempo.

Ainda sobre essa questão, o autor, referindo-se aos protocolos de autoria, complementa quando afirma que “... poder-se-ia dizer que tais protocolos de leitura inscrevem no texto a imagem de um “leitor ideal”, cuja competência adequada decodificaria o sentido preciso com que o autor pretendeu escrevê-lo” (Chartier, 2011, p.10).

Se na cultura impressa Chartier (2011) reconhece, fundamentalmente, os protocolos do autor e do editor, como vestígios dados na matéria que corroboram para a constituição do leitor ideal ou modelo (Eco, 1988), o livro aplicativo parece prever parâmetros outros, reivindicando, potencialmente, a colaboração do leitor na sua confecção, agora, com aportes de conteúdo e não apenas na produção de sentido.

O que chamamos de livro hoje passa a ser apreendido como vetor resultante de uma relação de linguagens que se apresenta ao leitor por meio da interface gráfica de múltiplos artefatos que, por sua vez, passa a assumir o papel de porção aparentemente tangível da

manifestação livresca. Tal questão acaba por propiciar que a relação leitor-livro se estabeleça de modo deveras metonímico (Flexor, 2012, p. 81), fazendo, por vezes, ofuscar notáveis diferenças entre os objetos para os quais o símbolo do livro digital aponta, como *hardware*, *softwares*² de leitura (*e-readers*), livros-arquivos e livros aplicativos (*appbooks*).

Esse ofuscamento, promovido pelo encantamento dado pela experiência mediada por interfaces cognitivas (Rocha, 2009), então, faz do livro digital, antes, uma prescrição³ que, por sua vez, também implica em vestígios que ajudam a construir o leitor modelo. De outra forma, ressalta-se o fato de que, enquanto *software*, os livros aplicativos são parametrizados por protocolos de programação que, por sua vez, se mostram enquanto índices da matéria para o leitor que ele ajuda a construir.

As narrativas não mais se encerram nos vestígios dados pelo autor e pelo editor, em textos impressos e fixos, estas incorporam, hoje, não só os protocolos do programador, como também do leitor. De outra maneira, estas interfaces gráficas, em sua agência (Murray, 2003), convocam a participação e, por vezes, a colaboração do leitor, tornando-o, então, sujeito ativo no processo de construção do modelo de leitor previsto pelo *software* livro.

As tecnologias dos *gadgets* de leitura permitem a análise e cruzamento de um volume de dados, antes, impensados, permitindo cruzamentos de dados sem precedente na história. A orientação enciclopédica da sociedade do Big Data (Lima Júnior, 2011), torna o leitor um sujeito ativo – ele querendo ou não –, como uma espécie de leitor-sobrescritor⁴. O leitor produz não só informações intencionais (produção ativa), como a publicação de informações em mídias sociais, por exemplo –, como também um sem fim de informações através de geolocalização, preferências dadas a partir de *likes* etc (produção passiva). De acordo com Flusser (2010, p.23), já vivemos um tempo –, que ganhamos mais tempo –, em que as máquinas fazem uma história melhor, mais rápida e variada do que já fizemos.

Outrossim, se a transmediatização e a dataficação, enquanto manifestações próprias da cultura contemporânea, representam uma mudança significativa da sociedade em lidar com a informação, parece emergente, então, refletir – a partir dos livros aplicativos como exemplo de prescrição –, sobre o leitor modelo da pós-escrita.

O livro aplicativo, então, diferentemente do livro impresso em que a colaboração do leitor se efetivava, geralmente, na instância da produção de sentido, requer uma produção ativa e efetiva desse sujeito. O que interessa perceber é que o que será escrito contará como sobrescrições de distintos sujeitos que, para além da multilinearidade própria do meio, se difundirá entre diversos artefatos conectados, tornando a leitura um processo cambiante, fugaz, movente, pulverizado, afetando de vez a leitura visual e silenciosa preconizada pelo passar das páginas do impresso.

Neste sentido, pensar o livro digital ultrapassa o discutir acerca dos deslumbramentos midiáticos que envolvem o uso do termo “digital”, enquanto um qualificador do suporte sob o qual a matéria livresca se assenta, pois este carrega em si mudanças significativas no ecossistema simbólico da linguagem e, conseqüentemente, no campo da sua produção, armazenamento, distribuição e recepção, demandando, assim, revisões acerca dos sujeitos envolvidos nesse contexto, em especial, o leitor e o programador.

Se o leitor lê, e ler (*legere*) é antes escolher, nosso espectro de leitura estaria, então, reduzido às escolhas permitidas pelos aparelhos inteligentes? Haveria como o leitor abrir a caixa preta (Flusser, 1985), podendo ele escolher os caminhos de sua leitura? Se somos herdeiros do livro ocidental e de uma escrita linear decorrente dessa filiação, de quem herdariamos esse novo modo de ler oriundo dos códigos binários? Flusser (2010, p. 14) teria razão quando dizia que, no futuro, apenas os historiadores e outros especialistas terão de aprender a ler e escrever? Estamos saindo, então, do *status* de letrados para iletrados? Com a suplantação da consciência histórica, nós leitores perderemos a nossa capacidade crítica? Quem são esses leitores? Homens? Computadores? Esse leitor preso às prescrições, obedecendo aos caminhos dados pelos programas, não seria ele um outro que não aquele que se manteve preso à linearidade do signo verbal?

Essas e tantas outras inquietações é que motivaram o desenvolvimento desse texto que, por sua vez, não pretende ser resposta, do contrário, deseja ser, antes, um espaço-tempo de problematização de questões tão emergentes.

A interdependência escrita-livro-leitor

A questão do livro, diante das mudanças culturais na era da pós-história (Flusser, 1983) ou pós-informação (Negroponte, 1995), deve ultrapassar as discussões tecnológicas focadas na flexibilização dos suportes e processos tradicionais vinculados à brochura impressa. Antes, a problemática instaurada diante da possibilidade de digitalização do livro em contextos de desterritorialização informacional (Lemos, 2004) e sob artefatos de conexão contínua, diz de uma revisão desse objeto que legitimou o modelo de pensamento assimétrico e fonocêntrico da escrita, conforme registrou Derrida (1976), e que influenciou, se não definiu, um modelo de livro e um leitor-modelo (Eco, 1988).

A crise anunciada pelo livro na contemporaneidade, portanto, diz mais do que uma simples crise da sua materialidade, aponta para uma revisão acerca da ideia de verdade histórica, do autor enquanto figura de autoridade, dos modos de produção, difusão e acesso do conhecimento humano. Mais que revisitar a história do livro a partir da lente hegemônica, sob a qual o livro se popularizou, cabe reconhecer as transformações estabelecidas culturalmente a partir da escrita que se mostra abalada, quando da prescrição livresca digital, a partir de um escrever com signos não-alfabéticos.

Mesmo considerando a evolução das técnicas de reprodução do livro impresso e mesmo sua portabilidade, sua conformação, no geral, e os modos de acessá-lo permaneceram estáticas. O conteúdo escrito, concebido por um autor e dirigido a um leitor modelo, se apresenta através de um encadeamento lógico pré-definido e se apoia em estratégias compositivas e estruturais de sua concepção e que obedecem à lógica do signo verbal.

Para Flusser (2010), a consciência histórica nasce da escrita linear, afirmando que o pensamento ocidental é histórico no sentido de que concebe o mundo em linhas, ou seja, como um processo ou sucessão de acontecimentos que nos leva ao futuro. Afirmou, ainda, que a escrita unidimensional permite ao leitor refletir sobre o que lê, colocando, como ele mesmo diz, os pensamentos nos trilhos. É compreensível que se pense, dessa forma, que a figura do escritor tenha surgido da necessidade de superação do homem em vencer o tempo e de “endurecer a memória”.

Escrever exige um leitor, a quem o desenrolar dos sinais gráficos se dirige. Escolhas estilísticas são feitas na conformação da escrita, desde a escolha da língua até seu gênero e modos de apresentação, prevendo, dessa forma, seus leitores modelos. Segundo Eco (1988) prever o próprio leitor modelo, não implica em esperar que este exista, mas sim que se deve mover o texto no sentido de construí-lo. Assim, não só a escrita moldou a forma do livro, como este também corroborou para a conformação de um modelo de leitor.

Outrossim, ao migrar para as atuais tecnologias de acesso e da conexão contínua, os livros, e o repertório de práticas de leitura que o cercam, ganham parâmetros de uso relativos aos novos suportes midiáticos com os quais são convidados a dialogar. Assim, também, os modelos canônicos de atuação dos processos psicológicos básicos envolvidos na leitura precisam ser problematizados, a partir dos novos parâmetros de atenção e memória apresentados pelos usuários dessas tecnologias.

Diz-se isso pelo fato de que essas tecnologias, principalmente aquelas ditas ubíquas, não apenas solidificam os processos simbólicos já apresentados pelas distintas matrizes de linguagem conviventes nos hipertextos, como permitem uma atuação nova e um estado de “prontidão cognitiva” (Rocha, 2009) do usuário em relação à informação. Diferente, portanto, da postura linear implícita no discurso do signo linguístico (Saussure, 1996), sob o qual foi tradicionalmente centrada a tradição livresca, a atitude cognitiva do leitor é desafiada não apenas pelos *affordances* (Gibson, 1986) a elas relativos, mas também por um ecossistema semiótico de signos advindos de outras mídias, notadamente menos verbais, e atravessadas pela lógica do entretenimento.

Se, diante dos fatos expostos, a leitura e o livro apresentam novos desafios, quando da sua atualização na cibercultura, por conseguinte, também os processos que envolvem o leitor e o escritor, a partir da ferramenta livro, independente da modalidade midiática, sugerem atenção investigativa. Com o avanço tecnológico dos livros digitais e com as mudanças que a nossa compreensão sofreu quanto a relação espaço-temporal, cada aparelho passou a requerer determinada prescrição, termo que, para Flusser (2010, p. 89) acompanha o homem antes da própria máquina, relacionando-se a um modo de comportamento.

Se a revolução industrial teve papel relevante no estabelecimento de normas de comportamento homem-maquínico, a revolução da informática, por sua vez, propiciou novos padrões, novas prescrições em relação aos programas desses aparelhos. Para Flusser (2010) o programa é uma obra escrita que não se dirige a seres humanos, mas aos artefatos construídos pelos homens e se assim o é, a escrita, notadamente da sociedade pós-industrial, se assenta sobre o código binário. É a organização desses dados que permite a criação de programas – *softwares* – que prescrevem aos aparelhos como devem ser o seu funcionamento (Oliveira, 2012).

Assim, para além dos vestígios dados pelo autor, os produtos livrescos contemporâneos incorporam também os índices da caixa preta (*hardware*) e, sobretudo, da escrita de programação do livro aplicativo (*software*). Tal aspecto aponta, desse modo, para o fato de que o programador, então, participa da construção do modelo de leitor do livro aplicativo.

Sobre prescrições

Diante, então, da forma de objetualização do conteúdo livresco que ora figura-se na contemporaneidade, ao passo que as tecnologias da informação e comunicação fazem corroborar para um avanço da noção que se tem do livro, por outro lado, oculta uma linguagem, dita discreta (Manovitch, 2013), que não é dada a interpretações, pelo menos não para uma maioria dos leitores contemporâneos.

Se, por um lado, o objeto livresco prestou-se, até aqui, como depósito da história da humanidade, endurecendo a memória (Flusser, 2010), por outro, vive-se a eminência da perda, em algum momento da história, de um sem fim de conteúdos disponibilizados na rede, frente à possibilidade da obsolescência de hardwares e softwares, levando a humanidade, conforme pondera Vint Cerf, vice-presidente do Google (2015), à idade das Trevas Digital, com gerações futuras sem nenhum registro do nosso século.

No contexto da virtualização (Levy, 1999), como já mencionado, distinguem-se duas categorias de livros digitais: os livros arquivos e os livros aplicativos. Os primeiros dependem de softwares de leitura (e-readers), os demais são softwares propriamente ditos e ambos dependem de um hardware que, por sua vez, pode ser um dispositivo de leitura como o iPad, o Kobo, o Kindle ou mesmo qualquer outro artefato tecnológico dessa natureza. Os livros-arquivos, primeira forma de conformação do livro no meio digital, em sua maioria, são apresentados a partir de arquivos com as extensões diversas. Estes, a depender da extensão, muito embora se apresentem mais flexíveis em termos de plataforma do que os livros aplicativos, ainda carecem de aplicativos de leitura específicos ou, no caso dos *hardwares* específicos para leitura, esta funcionalidade já precisa estar embedada⁵ em seu sistema operacional. Assim, estes livros se mantêm dependentes de *softwares*, embutidos em *hardwares* específicos.

Acerca dos *appbooks*, estes seriam, então, prescrições inscritas em um *hardware* que também possui a programação necessária para seu acesso. A crise, então, que ameaça a escrita anunciada por Flusser (2010), é decorrente não apenas da textolatria em que o homem se deixou conduzir, mas, sobretudo, porque a própria escrita tem sofrido modificações na sua forma linear de apresentação, em função da lógica maquínica, cuja escrita é organizada por elas próprias, obedecendo ao código não-alfabético, o binário.

Se antes os *e-books* já dispensavam a figura do editor, exigindo somente “escritores do código binário” para programar o livro que se pretendia, hoje, já existem *softwares* muito simples que permitem que um escritor, não iniciado na linguagem da máquina, possa produzir o seu próprio livro digital. Para Flusser (2010), programar não pode ser comparado com o escrever, pois obedecem à lógicas bastante distintas, exigindo um modo de pensar também diferente. O autor afirma que o programador não escreve, ele prescreve, sendo o homem funcionário a ser programado para viver em contexto simbólico. Seríamos, então, todos nós sujeitos-leitores em potencial programados? O autor pontua que temos, em vez de escritores, programadores; em vez do código alfabético, o código binário; em vez de textos que se dirigem ao leitor, prescrições para as máquinas e, em vez de obras, programas de computador.

Ademais, reconhecesse que os modos de leitura da escrita, muito se diferem das imagens. A primeira se limita na sua própria linearidade – não sendo possível contemplar o todo de uma única vez –, exigindo uma decodificação lenta, pois letra a letra, convocando o

que Calvino (2008) chamou de visibilidade ou imagens mentais advindas da leitura do texto. Apesar das diferenças, textos e imagens podem esconder, nas entrelinhas, significados ambíguos dirigidos, normalmente, para um modelo de leitor. E o que diríamos da linguagem binária? Como decodificá-las se sequer podemos vê-las?

Considerações finais

O livro – depósito da escrita –, ao longo de sua história suplantou um sem fim de resistências, sendo confinado aos eclesiásticos no período medieval ou mesmo queimado na antiguidade. Alicerçado pela força da linguagem que lhe conferiu a sua forma, o livro impresso se prestou como porta voz da resistência da escrita, prestando-se ora à Igreja, ora a jogos políticos, ora ao capital, evidenciando a sua capacidade de influenciar leitores de diversos tempos. Se assim se escreveu, até aqui, a história da humanidade, talvez assim perpetuemos o nosso fazer. Talvez não da mesma forma, talvez essa escrita não se preste mais como ferramenta de poder... a linguagem discreta (Manovitch, 2013) das máquinas pode estar operando uma ditadura silenciosa para os muitos iletrados.

Ao contrário dos adjetivos silenciosa, reflexiva, concentrada e particular, geralmente atribuídos ao hábito da leitura, o livro digital sinaliza para uma potência de leitura marcada pela atitude multifocada e, ao mesmo tempo, independente, que em muito difere das posturas cognitivas mais contemplativas daqueles leitores educados na tradição da escrita e do livro impresso.

Se a escrita linear corroborou para o nascimento do homem histórico, colocando os pensamentos nos trilhos, permitindo a este sujeito conceituar e refletir sobre os fatos, o que esconderá, em termos de rupturas paradigmáticas nos modos de pensar, a escrita numérica? O modelo de leitor previsto pelo livro digital, então, seria aquele operador de botões que experimenta interações cada vez mais imersivas e que, tomado pelos sentidos, deixa à margem da leitura a reflexão e criticidade?

Envolvido em processos frutivos ancorados no deslumbramento presente na luminescência das telas e na tecnologia (Rocha, 2009) ou mesmo no encantamento como perspectiva das poéticas das interfaces (Rocha, 2009), o leitor que os livros digitais ajudam a construir prestam-se a estar à margem das lógicas operadas no interior dos dispositivos tecnológicos, como uma espécie de caixa preta (Flusser, 2011).

Ademais, conforme registra ainda Flusser (2011, p. 33), a nova magia é conformada a partir da ritualização de programas que, por sua vez, visam programar seus receptores para um comportamento mágico programado. Tal previsibilidade se manifesta de forma aparente nos protocolos de leitura demarcados pelas *affordances* do sistema, recobrando os caminhos possíveis previstos pela linguagem do dígito que opera no silêncio e à margem da percepção da maioria dos leitores.

Configurado a partir de estruturas algorítmicas, os livros digitais mais do que caixas pretas, apresentam-se hoje como livros que leem os seus próprios leitores, aspecto esse também à margem do conhecimento de uma maioria de leitores e que ilustra como tais plataformas ou programas acabam por modelizar ou ajudar a construir, na exata intenção, o seu leitor modelo.

Se a colaboração do leitor, que o livro digital convoca, parece sinalizar para uma ideia de indeterminação e abertura – para além do nível da interpretação ou na instância do

leitor empírico (ECO, 1988) ou leitor real (Chartier, 2011) –, a previsão nasce no cerne da natureza mesma do objeto, de outra forma, a matéria digital. De outra maneira, a materialidade do livro digital, por um lado, potencializa um grau de abertura e indeterminação talvez nunca antes exercitado na história da cultura livresca mas que, por outro, prevê e regula a experiência quando a limita às possibilidades do “aparelho-operador” (Flusser, 2011, p. 32).

Sem dúvida, tais mudanças mais do que rupturas com a tradição livresca, denunciam, antes, alterações profundas no modo de escrever, de ler e, sobretudo, de pensar. Por fim, se levarmos a cabo que só no gesto do escrever podemos expressar a existência humana (Flusser, 2010, p.14), como, então, expressaremos e garantiremos a nossa existência com a supremacia da prescrição?

Recebido em: 31 out. 2017

Aceito em: 05 dez. 2017

¹ O aspecto estrutural de um livro diz das partes que o compõem – aspectos extratextuais, pré-textuais, textuais e pós-textuais –, e é estabelecido pela tradição e normalizado pela ABNT – Associação Brasileira de Normas Técnicas (http://www.bn.br/portal/?nu_pagina=8).

² Para Ceruzzi (2000), no campo das tecnologias da informação, um aplicativo (app) é uma subcategoria de programa desenvolvido para auxiliar o usuário na realização de tarefas específicas. Diferencia-se, portanto, dos utilitários – destinados a tarefas de manutenção ou uso geral – e dos sistemas operacionais (SO), voltados para gerenciar as tarefas em um nível macro.

³ Prescrições, segundo Flusser (2010), referem-se ao programar, à linguagem binária que se dirige às máquinas.

⁴ Denomina-se no presente texto o leitor contemporâneo de leitor-sobrescritor, por considerar a ideia de sobrescrição, denominada por Flusser (2010), como escritas fugazes aplicadas em superfícies.

⁵ O termo *embedding* refere-se à característica de incorporar informações e/ou determinadas funcionalidades a um software ou um arquivo de modo a possibilitar maior autonomia na execução da tarefa.

Referências

CALVINO, Ítalo. **Seis propostas para o próximo milênio**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

CORDEIRO, Luciana Zenha. **Leitura na tela: estudo exploratório de práticas de leitura na Internet**. Belo Horizonte: Faculdade de Educação/UFMG, 2001.

DERRIDA, Jaques. **Gramatologia**. São Paulo: Perspectiva, 1976.

ECO, Umberto. **Lector in fabula**. São Paulo: Perspectiva, 1988.

_____. **Obra aberta: forma e indeterminação nas poéticas contemporâneas**. Trad.: Giovanni Cutolo. 8. ed. São Paulo: Perspectiva, 1991.

_____. **Os limites da interpretação.** Trad.: Pérola de Carvalho. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 2008.

ECO, Umberto; CARRIÈRE, Jean-Claude. **Não contem com o fim do livro.** Tradução de André Telles. Rio de Janeiro: Record, 2010.

GARCIA, Gabriel. Info Online. Pioneiro da internet alerta para "Idade das Trevas digital". **Revista Exame.** Tecnologia, São Paulo, 13 fev. 2015. Disponível em: <http://exame.abril.com.br/tecnologia/noticias/pioneira-da-internet-alerta-para-idade-das-trevas-digital>. Acesso em: 22.fev. 2016.

FLEXOR, Carina O. **Appbook Raízes:** bibliogênese e devir livro. 2012. 180 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Goiás, Curso de Pós-Graduação em Cultura Visual.

FLUSSER, Vilém. **A filosofia da caixa preta.** São Paulo: Hucitec, 1985.

_____. **O universo das imagens técnicas:** elogio da superficialidade. São Paulo: Annablume, 2008.

_____. **A escrita:** há futuro para a escrita? São Paulo: Annablume, 2010.

LE MOS, André; CUNHA, Paulo (Orgs.). **Olhares sobre a cibercultura.** Porto Alegre: Sulina, 2003.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura.** São Paulo: Editora 34, 1999.

_____. **As tecnologias da inteligência.** São Paulo: Editora 34, 1993.

LIMA JÚNIOR, Walter T. Jornalismo computacional em função da “Era do Big Data”. **Revista Líbero.** São Paulo, v. 14, n. 28, dez. de 2011.

LYONS, Martyn. **Livros:** uma história viva. São Paulo: SENAC, 2011.

MACHADO, Arlindo. Fim do livro? **Estudos Avançados,** São Paulo, v. 8, n. 21, mai-ago., p. 211-214, 1994.

MANGUEL, Alberto. **Uma história da leitura.** São Paulo: Companhia das letras, 2010.

MANOVICH, L. **Software takes command.** New York: Bloomsbury, 2013.

MARTIN, Henry-Jean; FEBVRE, Lucien. **O aparecimento do livro.** Tradução de Fúlvia M. L. Moretto, Guacira Marcondes Machado. São Paulo: HUCITEC/UNESP, 1992.

MARTIN, Henri-Jean. **History and power of writing.** Tradução Lydia G. Cochrane. Chicago: University Press, 1995.

MURRAY, Jane H. **Hamlet no Holodeck:** o futuro da narrativa no ciberespaço. Tradução Elissa Khoury Daher, Marcelo Fernandez Cuzziol. São Paulo: Itá Cultural/UNESP, 2003.

NEGROPONTE, Nicholas. **A vida digital.** São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

OLIVEIRA, Danusa. **O escritor e o leitor na era digital à luz de Flusser.** São Paulo.

Disponível em <http://sitios.anhembi.br/damt/arquivos/20.pdf>. Acessado em 6.dez.14

PROCÓPIO, Ednei. **O livro na era digital**. São Paulo: Giz Editorial, 2010.

ROCHA, Cleomar. **Da imanência ao inacabado: estéticas comunicacionais e interatividade na arte tecnológica**. Tese de doutorado defendida na Faculdade de Comunicação / FACOM. Salvador: UFBA, 2004.

_____. **Pontes, janelas e peles: contexto e perspectivas taxionômicas das interfaces computacionais**. 2009. Relatório de estágio de Pós-Doutorado no Programa de Pós-Graduação em Tecnologias da Inteligência e Design Digital – PUC-SP.

_____. **Interfaces cognitivas**. In: VENTURELLI, Suzete. Exposição instinto computacional. Brasília/DF: Instituto de Artes da Universidade de Brasília, 2009.

_____. **Metáfora, metonímias e outras velhas figuras de linguagem na poética tecnológica**. Suzete Venturelli (Org.). Brasília, 2009.

SANTAELLA, Lúcia. **Navegar no ciberespaço: perfil cognitivo do leitor imersivo**. São Paulo: Paulus, 2004.

_____. **Da cultura das mídias à cibercultura: o advento pós-humano**. Revista Famecos. Rio de Janeiro, 2003.

_____. **Matrizes da linguagem e pensamento: sonora, visual e verbal**. São Paulo: Iluminuras, 2005.

_____. **Linguagens líquidas na era da mobilidade**. São Paulo: Paulus, 2007.

_____. **Comunicação ubíqua: repercussões na cultura e na educação**. São Paulo: Paulus, 2013.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de linguística geral**. São Paulo: Cultrix, 1996.